

## **A priorização da produção de valores de uso em detrimento de valores de troca na economia solidária.**

PIRES, Sanyo D.

### **RESUMO EXPANDIDO TRABALHO TÉCNICO-CIENTÍFICO**

#### **Grupo Temático: Inserir o nome do eixo temático**

GT 1 - Economia Solidária, Cooperativismo, Autogestão e Trabalho Associado

#### **Resumo**

O texto apresenta a análise de dois empreendimentos de economia solidária que passaram por um processo de incubação na ITESS/UFGD, e que apresentaram uma resistência ao processo de incubação, no que dizia respeito a uma maior formalização de suas atividades e seu direcionamento para aumentar a produção de mercadorias para serem comercializadas. Percebeu-se, em ambos os empreendimentos, que essa resistência ocorreria em função da priorização da produção de valores de uso, para serem utilizados internamente pelos membros, em detrimento da produção de mercadorias, e que essa priorização não era percebida, aparecendo somente como uma queixa na fala dos trabalhadores. A interpretação foi apresentada e discutida com os grupos, e dela decorreu a incorporação dessa produção de valores de uso como objetivos a serem buscados pelos empreendimentos, e inseridos de forma organizada no planejamento de suas atividades.

Palavras-chave: Incubadoras universitárias; Empreendimentos de Economia Solidária; Resistência; Mercadoria.

#### **Introdução**

O presente texto apresenta a análise de um tipo específico de resistência ao processo de incubação observado em dois empreendimentos que passaram pelo processo de incubação na ITESS/UFGD, caracterizado por ações de desinvestimento à processos relacionados a produtos voltados para comercialização, e a um maior investimento em produtos voltados para uso próprio dos associados, distribuídos sob a forma de dádivas (Mauss, 2003).

O estudo parte do pressuposto que todo processo de trabalho, ainda que o trabalhador tenha controle sob o mesmo, gera algum tipo de resistência, pois ocorre a partir do desvio de energia que seria originalmente empregada em outras funções (Dejours, 2011). A proposta da análise se localiza então em um conjunto de observações mais amplo, que busca contribuir para a compreensão do sofrimento no trabalho dentro do contexto da economia solidária, e das resistências estruturadas em relação a esses sofrimentos.

Dentre essas, uma em específico é a observada nesse texto que são as resistências aos processos de incubação de empreendimentos de economia solidária, dentro de contexto de incubadoras universitárias, fornecendo elementos para análise de processos semelhantes em outras instituições e contextos, ligados à autogestão. Embora essas resistências possam ocorrer frente a diferentes elementos, como relações de poder, ou modos técnicos de organizar o trabalho, destacamos aqui as

resistências psicossociais, decorrente do sofrimento psíquico gerado pelos processos de organização do trabalho cooperativo e/ou autogestionário (ENRIQUEZ, 2000).

Essas resistências, para além da dinâmica de trabalho concreta dos empreendimentos, aparece também de modo sistemático nos processos de incubação, principalmente quando relacionados às mudanças de dinâmicas de organização do trabalho ocasionadas por esse processo (Pires, Jesus, Silva, 2021). No entanto, elas também chegam ao processo de incubação como uma queixa não estruturada, como um mal-estar dentro que se manifesta de formas variadas, mas todas elas com a função de ocultar um conflito interno na organização que pode levar à sua desagregação, que é mantido inconsciente, mas se expressa como sintoma (PIRES, SILVA, 2019).

Um sintoma que viemos observando ao longo de algum tempo é a priorização da produção de valores de uso, produzidos e distribuídos entre os membros dos empreendimentos a partir de um sistema de dádivas (MAUSS, 2003) em detrimento de valores de troca estruturados como mercadorias, voltados para a comercialização externa e para gerar recursos para o empreendimento. Aqui apresentaremos então dois desses exemplos, que aparecem de forma diferente em empreendimentos com características distintas, mas que apresentam os mesmos processos de resistência, com impactos semelhantes nas dinâmicas de incubação.

## **Metodologia**

A análise se refere a observação de dois projetos de extensão, como parte do processo de autoavaliação das ações desenvolvidas nos projetos. Nesse sentido se configuram como uma pesquisa participante, buscando, como indica Brandão (1999) realizar a descrição das ações realizadas, e a partir delas, produzir conhecimento com as análises delas decorrentes. Nesse sentido, todo processo de incubação dentro do contexto universitário vai integrar tanto as ações de extensão quanto também as ações de pesquisa e ensino (SANTOS, CRUZ, 2008).

Os grupos observados foram: uma cooperativa de costureiras, criada a partir do grupo comunitário de um bairro periférico da cidade, composto majoritariamente por mulheres entre 40 e 60 anos, com trajetória profissional precarizada (serviços domésticos sem registro formal), e de baixo poder aquisitivo; e um Coletivo Autogestionário de produção cultural, já preexistente que procurou a universidade para auxiliar no seu processo de organização. Formado principalmente por pessoas de classe média, entre 20 a 30 anos. Ambos passaram pelo processo de incubação na ITESS/ UFGD, entre o período de 2017 e 2018.

As observações ocorreram a partir de dois contextos: o primeiro nos processos de capacitação dos grupos, nos quais eram ministrados cursos de formação técnica nas áreas de atuação dos empreendimentos, e cursos de formação em economia solidária e autogestão. Nesses, era aberto um espaço para que os membros dos empreendimentos pudessem avaliar o processo de capacitação, e analisar a adequação de seus conteúdos às suas dinâmicas concretas. O segundo ocorreu no próprio espaço de trabalho dos empreendimentos, onde procurava-se compreender os sentidos que os trabalhadores atribuíam aos seus trabalhos no próprio ato de realizá-lo, a partir da metodologia indicada por Carvalho (2000) denominada “conversa ao pé da máquina.

## **Resultados e Discussão**

A partir das observações, embora os empreendimentos tivessem características distintas, tanto em função da sua organização, seu objeto de trabalho, e da composição de seus membros, pode-se perceber que um fator era comum a ambos, ou seja, a priorização da produção de valores de uso em detrimento de valores de troca (mercadorias). Esse fato, se mostrou principalmente a partir de uma resistência às ações do processo de incubação voltadas para uma maior organização dos empreendimentos no sentido de ampliar seus ganhos financeiros, decorrentes da venda de produtos. No entanto, essa resistência ocorria de forma pouco estruturada, muitas vezes sem uma compreensão clara por parte tanto da equipe de incubação quanto dos próprios trabalhadores dos empreendimentos.

Em ambos os casos, foram estruturados grupos de discussão sobre os temas, que ocorriam por meio de discussões em grupo (nos processos de capacitação) ou de conversas individuais, durante as observações do trabalho concreto.

Nas discussões em grupos, duas falas nos chamaram a atenção, quando questionados sobre o porquê de não intensificar algumas ações para ampliar a renda. No grupo de costureiras tivemos uma resposta que dizia que “o motivo principal para elas estarem ali não era só o dinheiro, mas sair da depressão e da televisão”. Uma fala semelhante foi observada no grupo de produção cultural, onde diziam que “mais do o dinheiro em si a gente está aqui para apoiar o trabalho um do outro”.

Duas coisas chamam a atenção nessas falas. A primeira é que o dinheiro surge como um elemento necessário, ligado à sustentabilidade financeira em empreendimento. No entanto, embora tenha importância esse não é o elemento mais importante do empreendimento. Apoios relacionados à saúde mental, a superação do isolamento, ou ao apoio em atividades cotidianas apareciam como elementos fundamentais. Isso pode ser percebido também nas conversas nos ambientes de trabalhos, onde pequenas ações, como o cuidado de crianças, a troca de informações e conhecimentos, o apoio emocional e financeiro em casos de doenças, apareciam como pequenos serviços que auxiliavam as pessoas em seus cotidianos, e eram intermediados pela dinâmica de organização do trabalho possibilitada pelos empreendimentos.

Porem foi também interessante notar que esse sistema de trocas, intrinsecamente ligado ao empreendimento, e que muitas vezes não era percebido como um valor gerado mesmo, embora fosse priorizado, tinha essa priorização não percebida, e emergia como uma desorganização dentro de suas dinâmicas de trabalho. Essa desorganização emergia como um sintoma, uma solução de compromisso entre duas demandas conflitantes dentro da organização (PIRES, SILVA, 2019).

Havia então de um lado, uma demanda formal, decorrente da organização pensada como uma instituição ligada ao mercado, que deveria produzir mercadorias para comercialização, e de outro, demandas dos próprios trabalhadores, de trocas de serviços e de bens materiais e simbólicos, a serem trocados a partir de um sistema de Dádivas (MAUSS, 2003). Essas duas demandas, no entanto, não estavam sendo consideradas dentro do modelo adotado de incubação, que era voltado principalmente para a maior formalização e organização dos empreendimentos no sentido de sua produção de mercadorias e fortalecimento da renda de seus membros. Essa maior formalização e aumento da renda era, inclusive, a demanda principal dos próprios empreendimentos.

A partir dessas análises, foi realizada uma reunião para comunicar tais análises para os grupos, e verificar sua validade ou não, e o que fazer caso as interpretações fossem validadas. Após essas reuniões chegou-se a conclusão que a produção

desses valores de uso eram uma função importante dos empreendimentos, mas que deveriam ser melhor organizadas, de forma a ter uma clareza de cada valor de uso que estava sendo produzidos, e estabelecer uma distribuição mais clara na produção dos mesmos. No empreendimento de produção cultural, estabeleceu-se um nome geral para esses bens como “Sociabilidades criativas”, que passaram a ser percebidas como um bem geral que deveriam estar presentes em todas as atividades do empreendimento (PIRES, JESUS, SILVA, 2021).

### **Considerações Finais**

A economia solidária é marcada por uma inserção conflitiva dentro do contexto social, no qual precisa, ao mesmo tempo, lidar com demandas de autonomia, solidariedade, e necessidade dos trabalhadores, e com demandas de um contexto circundante, marcadas pela competição, individualidade e busca do lucro, característicos da sociedade de mercado (LEMES, 2008). Esse conflito, se expressa também em mecanismos de gestão, formas de organização sociotécnica da produção, bem como nos modelos de organização dos empreendimentos, o que remete à necessidade de uma análise crítica, e reformulação geral das concepções herdadas de outras experiências de produção para o contexto da economia solidária.

Tais conflitos, bem como sua explicitação e superação, não são, no entanto, explícitos para os diversos atores sociais ligados à economia solidária. Principalmente dentro do contexto acadêmico, no qual as ações de pesquisa e extensão em economia solidária muitas vezes ocorrem como um elemento secundário ligado a outros temas, como questões de gênero ou ecológicas, os conflitos internos da economia solidária, e de seus empreendimentos, não são objetos de análise mais sistemática. E um dos campos onde isso se expressa são nos processos de incubação de empreendimentos de economia solidária dentro do contexto das incubadoras universitárias.

Tais conflitos, podem também não estarem elaborados pelos trabalhadores dos empreendimentos, e emergirem durante o processo de incubação como demandas contraditórias, ou como resistências à efetivação das ações que esses demandaram da universidade. Cabe então à equipe técnica da universidade, analisar criticamente essas demandas, levando em conta que elas, além de um pedido de ajuda, podem também incorporar processos defensivos dos grupos, frente a conflitos psicossociais, políticos e econômicos, que não puderam ser explicitados, pelo risco que essa explicitação acarretaria à unidade interna do grupo.

No entanto, essas análises críticas devem sempre se estruturar como hipóteses, que precisam ser discutidas com os membros dos empreendimentos, de forma a possibilitar que eles possam, além de compreender melhor as dinâmicas às quais estão submetidos, também tomarem as decisões sobre os rumos que o empreendimento deve tomar. Nesse sentido, a percepção de que deve-se priorizar valores a produção de valores de uso em detrimento de valores de troca, como apresentados aqui, devem ser uma decisão que possa ser tomada pelos trabalhadores, e a autogestão, para além da autonomia na condução do empreendimento, possa também se configurar como uma autonomia na razão de existir do empreendimento.

## Referências

BRANDÃO, Carlos. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999

CARVALHO, Ricardo. **Em busca do método: contribuições para um novo paradigma científico**. ANPEPP, 2000.

DEJOURS, Christophe. A carga psíquica do trabalho. In C. DEJOURS, C., ABDOUCHELI, E. JAYET, C., BETIOL, M. (Orgs.), **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho** (1a ed.) São Paulo: Atlas, 2011. p. 19-22.

ENRIQUEZ, Eugene. O indivíduo **preso** na armadilha da estrutura **estratégica**. In MOTTA, F.C.P., FREITAS, M.S. (Orgs.), **Vida psíquica e organização**. São Paulo: Editora FGV, 2000. p. 23-40.

LEMES, Fábio Roberto Moraes. A inserção da economia solidária no mercado: contradições e possibilidades. **Otra Economía** – V. II - Nº 2 - 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: MAUSS, M. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: Editora Cosac Naif, 2003. p. 181-312.

PIRES, Sanyo Drummond; SILVA, Aline Pereira. O desejo como sintoma na economia solidária: uma perspectiva psicossociológica. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 20, n.44, p. 280 -303, 2019.

PIRES, Sanyo Drummond; JESUS, Marcelo; SILVA, Aline Pereira. Resistência à Formalização de um Empreendimento de Economia Solidária em uma Incubadora Universitária. **Realização, UFGD –Dourados**, v. 8, n. 15, p. 01-25, 2021